O olhar da Monalisa

Raimundo Carvalho – UFES

RESENHA de: *Antologia della poesia portoghese e brasiliana*, diretta da Luciana Stegagno Picchio, Col. Poesia Straniera, n. 16, Roma, La Biblioteca di Repubblica, 2004, 992 p.

Uma antologia, por mais representativa que seja, sempre suscita debate envolvendo recusas e concordâncias relativas às escolhas dos organizadores. Com esta não é diferente. Mas antes de explicitar pontos de discórdia, é preciso procurar entender as motivações que levaram-na a ser tal como é. Primeiro, trata-se de uma publicação para o grande público e um público estrangeiro, que, ainda que aficionado pela poesia, é de se pressupor, não ser formado em sua maioria por especialistas em literatura. Para este público, o livro serviria como um primeiro contato, um mapeamento do que se produziu e se produz em termos de poesia em língua portuguesa. Creio que este propósito foi muito bem cumprido, principalmente no que se refere aos períodos cujos delineamentos críticos já estejam consolidados.

Há que se ressaltar também, quanto às motivações desta antologia, que se trata de uma visão de fora, de alguém como a professora Luciana Stegagno Picchio, que, sendo uma profunda conhecedora das literaturas brasileira e portuguesa, jamais renunciou ao seu ponto de vista estrangeiro e o faz explicitamente nesta

antologia, em que muitos autores são valorados a partir de suas relações com a cultura italiana. O mérito desta opção está em propor um diálogo entre duas tradições tão próximas, sem incorrer no neocolonialismo baseado numa visão hierárquica de estudo de fontes e influências. Neste sentido, vale anotar o profundo respeito, conhecimento e admiração dos italianos para com a nossa poesia, demonstrados nas traduções primorosas e criativas dos poemas, bem diferentes daquelas versões sem brilho, despoetizadas, de muitas antologias de poesia estrangeira publicadas no Brasil, inclusive.

A antologia está dividida em três blocos, o primeiro “La poesia del Portogallo”, o segundo “La Poesia del Brasile” e o último, “La poesia dell’Africa Lusofona” no qual estão reunidos poetas de Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Cada um destes blocos contém uma introdução geral, escrita pela organizadora e sua equipe, além disso, o livro possui um prefácio assinado por Francesco Stella, que apresenta toda a Coleção Poesia Straniera, da qual esta antologia é o volume 16. Nos dois primeiros blocos, os poetas estão dispostos segundo critério cronológico, e, no último, estão organizados por país. Uma pequena e precisa apresentação antecede o(s) poema(s) de cada um dos autores.

Nesta antologia, Luciana Stegagno Picchio dá-nos uma saborosa mostra de sua sensibilidade crítica e poética com suas traduções, que, ao lado de outras, feitas por grandes nomes como Ungaretti e Tabucchi, dentre outros, revelam o lado luminoso deste diálogo entre culturas. Esta antologia feita para o público italiano cumpre a contento o seu objetivo que é o de compendiar aquilo que, de um ponto de vista muito particular, se produziu de interessante neste contato. Portanto, sob esse enfoque, o trabalho merece todos os louvores pelo serviço que presta ao público italiano e à cultura dos países envolvidos.

A ressalva que se deve fazer e que não se refere à totalidade do trabalho é que iniciativas como essa sempre esbarram em limitações de ordem editorial e na forma de conceber a poesia. Fazer um recorte da poesia brasileira atual, por exemplo, a partir de sua relação com a Itália, ainda que seja importante e necessário para o público a que a antologia se destina, acabou sendo por demais redutor, pois excluiu poderosíssimas vozes poéticas e incluiu outras pouco significativas.

Não se trata aqui apenas de relacionar nomes injustamente esquecidos e denunciar outros cuja presença nada acrescentam ao conjunto.

Toda antologia deve correr os seus riscos, mas esta corre riscos em demasia, elencando poetas pouco expressivos ao lado de grandes mestres das literaturas brasileira, portuguesa e africana. Um leitor sensível que fosse tomar conhecimento, por exemplo, da poesia brasileira, a partir desta antologia, poderia ter a impressão negativa de que essa arte se estagnou por aqui, numa espécie de academicismo beletrista. É melancólico ver ao lado da poesia vigorosa de João Cabral um poema simplório de Ledo Ivo. Sobra oratória e falta inventividade na maioria dos poetas contemporâneos elencados na antologia. Na maior parte destes poemas a poesia vira comício populista ou comichão pseudofilosófico. Grande número destes autores são poetas provincianos, que destilam em seus versos uma poesia feita de nulidades do cotidiano, são subdrummondianos sem a força do mestre. Há ainda os poetas de “embaixada”, literatos que se valem dos seus contatos pelo mundo afora para se promoverem como poeta e gozarem longe de sua terra a fama que não têm aqui.

A poesia corre então o grande risco de se tornar um consenso de poucos, já que ela não dispõe de um público interno para valorá-la. No final das contas, vale a proximidade do poeta com o crítico, com suas trocas de amabilidades e favores mútuos? Algo bem próprio do jogo das elites nacionais. É no mínimo inusitado que alguém que participe de uma equipe de organizadores de uma antologia deste porte se auto-inclua nela. Parece coisa muito conhecida nossa, o famoso “jeitinho brasileiro”. Enquanto isso, poetas representativos como Affonso Ávila, Décio Pignatari, Paulo Leminski, Torquato Neto Armando Freitas Filho, Ana Cristina Cesar, Glauco Mattoso, Arnaldo Antunes, Régis Bonvicino, Roberto Piva, Wally Salomão, Sebastião Uchoa Leite, Hilda Hilst, Nelson Ascher, Paulo Henriques Britto, Carlito Azevedo, todos poetas atuantes, isolados ou em grupos, em revistas importantes, e com livros publicados por editoras conceituadas, foram sumariamente ignorados. Salva-se, nas últimas seções da parte brasileira da antologia, a presença dos poetas Francisco Alvim, Orides Fontela, Antônio Carlos Secchin e Augusto Massi. Fecha a última seção, sob o título “Un poeta per chiudere”, o poeta Heleno de Oliveira (1942-1995), com um lamentoso

poema “África”, de temática neocondoreira. Um poema tão ruim, apresentado isoladamente no final de um conjunto que, apesar dos seus altos e baixos, se mantém num nível bastante bom, parece piada de mau gosto. Sugiro ao leitor brasileiro que eventualmente tiver acesso a essa antologia o inocente jogo de ler os poemas mais sofríveis na sua versão italiana, como sempre primorosa.

Mas aqui voltamos ao ponto inicial. Há que se entender o *modus operandi* dos organizadores, ao utilizarem de forma um tanto paralisante o critério da proximidade cultural para orientar uma escolha que, de resto, se deu a partir do discutível gosto pessoal e do limitado material previamente disponível. Penso que o ideal seria que, pautada nessa idéia do diálogo entre culturas, a equipe de organizadores fosse menos homogênea e mais sensível à diversidade do fenômeno poético contemporâneo. Embora não acompanhando de perto o debate atual sobre poesia na Itália, é difícil aceitar que lá ainda vigore uma visão retrógrada de poesia como algo ensimesmado, folclórico e com tendências ao exotismo autocomplacente. Do lado de cá, isso está completamente *démodé*.

Pelo lado português da antologia, estranhei o fato de a seção denominada “Visivi e concreti” não conter nenhum poema visual, nem concreto, o que, de certa forma, mais do que uma desatenção, denuncia o viés tradicionalista do conceito de poesia que orientou a escolha dos autores dos períodos mais recentes. Qualquer antologia da poesia, brasileira, ao menos, a que faltam o humor, o charme e a corrosão dos poetas aludidos, beira à desinformação mais crua, pois o que sobra paga tributo à mais rançosa tradição.

Num banquete de finas iguarias, um comensal incauto corre o perigo de se faltar antecipadamente de “arroz com feijão” e sentir-se deveras satisfeito, mas esse não é o caso, creio, do sagaz destinatário italiano desta antologia. Ele há de querer provar do “biscoito fino” sutilmente encoberto pelas toalhas engomadas da crítica.

Por último, é preciso deixar claro, como já disse no início, o mérito desta antologia, que certamente será de grande auxílio àqueles que nela se debruçarem, seja pela quantidade de informações seguras e corretas, apesar de alguns erros biobibliográficos, seja pelo conjunto dos poemas e traduções e, sobretudo, porque testemunha uma visão, dentre as muitas possíveis, das tradições poéticas portuguesa, brasileira e africana. As discordâncias apresentadas aqui, mais do que questio-

nar escolhas e pontos de vista alheios, pretenderam modestamente abalar certas proposições redutoras, e só fazem sentido em função do caráter monumental e da intenção canonizadora da obra. No mais, espero que as observações críticas que fiz sejam acolhidas com aquele sorriso enigmático e irônico estampado no rosto da Monalisa. Os italianos fizeram este livro para si mesmos, para o seu próprio mercado consumidor de poesia. Trata-se de uma vistosa foto aérea da poesia em língua portuguesa. Por isso mesmo ela merece muitos elogios e algum retoque.